



## SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0191/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 17/07/2025**

**Chefe do órgão de vigilância nuclear analisa os últimos desenvolvimentos com ministros sauditas**



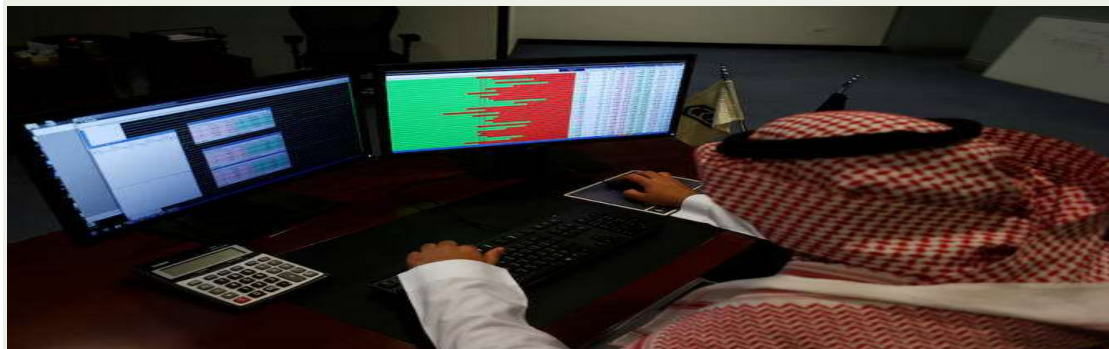
**O ministro da Energia, Príncipe Abdulaziz bin Salman, e Rafael Grossi, chefe da Agência Internacional de Energia Atômica, em Riade.**

Rafael Grossi, chefe da Agência Internacional de Energia Atômica, conversou em Riade com o ministro das Relações Exteriores saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, e o ministro da Energia, Príncipe Abdulaziz bin Salman. Grossi e o Príncipe Faisal discutiram desenvolvimentos regionais e maneiras pelas quais a acção internacional em questões de interesse comum pode ser fortalecida. Abdulrahman Al-Rassi, vice-ministro de assuntos multilaterais do Ministério das Relações Exteriores, também esteve presente.

Em uma reunião separada, Grossi e o Príncipe Abdulaziz falaram sobre cooperação aprimorada e a aplicação de padrões internacionais para segurança nuclear. As autoridades também discutiram os preparativos para a Conferência Internacional sobre Emergências Nucleares e Radiológicas, que acontecerá em Riade de 1 a 4 de dezembro. A Autoridade Reguladora Nuclear e Radiológica do Reino está organizando o evento em cooperação com a AIEA. Em uma mensagem postada na plataforma de imprensa social X, Grossi disse que seu encontro com o Príncipe Abdulaziz destacou "a excelente e crescente cooperação entre a AIEA e o Reino da Arábia Saudita, à medida que os planos para seu programa nuclear civil avançam". O Reino tem trabalhado em estreita

colaboração com o órgão de vigilância nuclear da ONU desde 2023 para aprimorar sua infraestrutura e capacidades em energia nuclear e de radiação, ao mesmo tempo em que apoia a diversificação energética. **Fonte-Arab News.**

## A maioria dos mercados do Golfo no vermelho devido às preocupações com a inflação nos EUA e incerteza das taxas



Um trader saudita observa o mercado de ações em monitores da agência de bolsa de valores Falcom em Riade, Arábia Saudita.

A maioria dos mercados do Golfo fechou ontem em baixa, com os investidores avaliando os desenvolvimentos da política comercial dos EUA e os sinais de que as tarifas podem estar alimentando a inflação, enquanto aguardam pistas sobre a política de taxas de juros do Federal Reserve.

Os preços ao consumidor dos EUA subiram no ritmo mais rápido em cinco meses em junho, levantando preocupações de que as tarifas estavam começando a pressionar a inflação. Na passada terça-feira, o presidente Donald Trump disse que cartas notificando países menores sobre suas tarifas seriam enviadas em breve. O índice de referência do Reino da Arábia Saudita caiu 0,5 por cento, atingido por uma queda de 0,4 por cento no Al Rajhi Bank. A gigante petrolífera Saudi Aramco caiu 0,7 por cento. Cerca de 217,4 milhões de ações mudaram de mãos, em comparação com uma média de 314,3 milhões de ações nas 10 sessões anteriores. Os preços do petróleo - um catalisador para os mercados financeiros do Golfo - caíram cerca de 1 por cento, já que os sinais de consumo mais forte de petróleo chinês foram superados pela cautela dos investidores sobre o impacto econômico mais amplo das tarifas dos EUA. **Fonte-Reuters.**

## Sete empresas da Umrah violaram as regras de habitação

O Ministério do Hajj e Umrah registrou irregularidades por sete empresas da Umrah por abrigar peregrinos em acomodações não licenciadas, uma violação das directrizes regulatórias. As descobertas fazem parte dos esforços de supervisão do ministério para monitorar a qualidade do serviço para os peregrinos, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita.

O ministério disse que esses incidentes afectam a segurança e o conforto dos peregrinos e que iniciou uma acção legal contra as empresas para impor penalidades de acordo com a lei. A autoridade reafirmou seu compromisso de garantir que os peregrinos recebam todos os seus direitos com a mais alta qualidade e eficiência. O ministério disse que não

tolerará nenhuma entidade que falhe em obrigações contratuais ou coloque em risco a segurança dos peregrinos. Ele instou todas as empresas da Umrah a cumprir as leis e fornecer serviços acordados a tempo para apoiar uma experiência positiva para os peregrinos durante sua estada no Reino. **Fonte-Arab News.**

## Mudança de código linguístico é uma nova norma para jovens sauditas



A mistura de línguas pode ser vista não como uma diluição da herança, mas como um reflexo de sua geração voltada para o exterior.

Numa sociedade cada vez mais globalizada do Reino da Arábia Saudita, especialmente entre os jovens das grandes cidades, há uma mistura fácil de idiomas, muitas vezes alternando entre árabe e inglês na mesma conversa. Esse fenômeno, conhecido como troca de código, tornou-se uma norma linguística que reflete a mudança da dinâmica social, da cultura e da identidade. Um estudo de 2024 conduzido por Kais Sultan Mousa Alowidha na Universidade Jouf descobriu que os sauditas bilíngues costumam alternar entre árabe e inglês, dependendo do contexto, principalmente em ambientes casuais ou profissionais. Estudantes sauditas que estudaram ou cresceram no exterior se veem alternando entre idiomas quase inconscientemente.

Abdullah Almuayyad, um veterano saudita da Universidade de Washington, em Seattle, que passou mais da metade de sua vida nos EUA, falou ao Arab News sobre suas experiências com os dois idiomas. "O conforto realmente depende do contexto", disse ele. "No dia-a-dia, estou igualmente à vontade em qualquer idioma, mas o cenário é importante." Em ambientes de negócios, ele usa o inglês por causa de sua educação e exposição profissional, mas ambientes casuais ou familiares parecem mais naturais em árabe. "Às vezes, meus amigos me provocam porque começo uma frase em árabe, acerto um conceito de negócio complexo e mudo para o inglês no meio do caminho." **Fonte-Arab News.**

## Reino da Arábia Saudita atrai US\$ 32 bi em investimentos em mineração em meio a reformas sectoriais

As reformas de mineração em andamento no Reino da Arábia Saudita ajudaram o Reino a atrair US\$ 32 bilhões em investimentos para projectos de ferro, fosfato, alumínio e cobre, disse um alto funcionário.

Khalid Al-Mudaifer, vice-ministro da Indústria e Recursos Minerais, disse à agência de notícias financeiras Asharq Business que o número representa quase um terço dos US\$ 100 bilhões que o Reino pretende atrair para o sector até 2030. Isso ocorre quando o



sector de mineração do país deve aumentar a sua contribuição para o produto interno bruto de US\$ 17 bilhões em 2024 para US\$ 75 bilhões até 2030. A indústria gerou US\$ 400 milhões em receita em 2023 e agora é apoiada por um roteiro de investimento de US\$ 100 bilhões visando minerais críticos até 2035. "O Reino da Arábia Saudita atraiu aproximadamente US\$ 32 bilhões em investimentos em projectos de mineração de ferro, fosfato, alumínio e cobre, que já estão em construção. Isso representa quase um terço dos US\$ 100 bilhões previstos para investimento até 2030", disse Al-Mudaifer. O vice-ministro acrescentou que os gastos com exploração mineral no Reino quadruplicaram desde 2018, atingindo US\$ 100 por km<sup>2</sup>, com uma taxa de crescimento anual de 32%, significativamente acima da média global de 6 a 8%. **Fonte-Arab News.**

## FMI diz que Egito faz progressos nas reformas



O FMI decidiu fundir a quinta e a sexta revisões do programa em uma ainda este ano para dar ao Egito mais tempo para implementar reformas críticas.

O progresso do Egito em reformas estruturais sob um acordo de empréstimo de 8 bilhões de dólares do Fundo Monetário Internacional (FMI) tem sido misto, disse o fundo, citando o domínio contínuo do sector público na economia como um problema. Em seu relatório há muito adiado para a quarta revisão do programa do Egito, o FMI disse que houve progresso limitado na redução do papel das empresas estatais e militares que desfrutaram de tratamento preferencial na forma de isenções fiscais, acesso a terras nobres e mão de obra barata.

Essas empresas permanecem em grande parte protegidas do escrutínio público, com "transparência muito limitada sobre sua condição financeira", disse o fundo. A dependência do Egito de um modelo de crescimento liderado pelo Estado, centrado em megaprojectos e investimentos públicos, está restringindo a criação de empregos e sufocando o sector privado em um ambiente global cada vez mais volátil, disse.

"As distorções financeiras e de recursos resultantes deixaram o Egito com uma grande economia informal e poucos amortecedores contra os crescentes choques financeiros, geopolíticos e climáticos globais", disse o fundo. O relatório foi publicado na noite da passada terça-feira, quatro meses depois que o conselho aprovou a revisão e desbloqueou um desembolso de US\$ 1,2 bilhão. Os desembolsos totais são de cerca de US\$ 3,5 bilhões. A linha de crédito de 46 meses foi assinada em março de 2024, após mais de um ano de grave escassez de moeda estrangeira e inflação que atingiu o pico de 38% em setembro de 2023. **Fonte-Reuters.**

## Presidentes dos Emirados Árabes Unidos e da Turquia testemunham assinatura de acordos para fortalecer laços



Sheikh Mohammed bin Zayed Al-Nahyan e seu homólogo turco, Recep Tayyip Erdogan, em Ancara.

O presidente dos Emirados Árabes Unidos, Xequê Mohammed bin Zayed Al-Nahyan, e seu homólogo turco, Recep Tayyip Erdogan, testemunharam ontem a assinatura de vários acordos e memorandos de entendimento entre seus países. O objectivo dos acordos, finalizados durante a visita de Estado do Xequê Mohammed à Turquia, é expandir a cooperação e reflectem o compromisso compartilhado de ambas as nações com o avanço dos laços em vários sectores.

Os acordos abrangeram uma série de áreas-chave, incluindo: protecção mútua de informações classificadas; a criação de uma comissão consular mista; investimentos em alimentos e agricultura, indústria farmacêutica e turismo e hospitalidade; e cooperação no sector industrial e pesquisa polar. Eles foram assinados durante uma cerimônia formal no Palácio Presidencial em Ancara por ministros dos Emirados e da Turquia responsáveis pelos sectores industrial, comercial, de investimento e tecnologia. **Fonte-Arab News.**

## Ataques de drones fecham campos de petróleo no Curdistão iraquiano devido a danos à infraestrutura



Vários campos de petróleo na região semiautônoma do Curdistão iraquiano interromperam ontem a produção, pois a infraestrutura do campo foi significativamente danificada, de acordo com o governo regional, após um terceiro dia de ataques de drones.

Vários campos de petróleo na região semiautônoma do Curdistão, no Iraque, interromperam a produção, já que a infraestrutura do campo foi significativamente danificada, de acordo com o governo regional, após um terceiro dia de ataques de drones. Não era certo quem havia realizado os ataques e nenhum grupo reivindicou a

responsabilidade por eles. A Gulf Keystone Petroleum disse que fechou a produção no campo de Shaikan, uma das maiores descobertas de petróleo na região do Curdistão iraquiano, devido a ataques nas proximidades do campo.

"Como precaução de segurança, a GKP decidiu interromper temporariamente a produção e tomou medidas para proteger a equipe. Os activos não foram afectados", disse a empresa em comunicado. A Gulf Keystone tem um contrato de compartilhamento de produção com o Governo Regional do Curdistão do Iraque (KRG) com uma participação de 80% na licença de Shaikan, localizada a cerca de 60 quilômetros (37 milhas) a noroeste da capital Irbil. Fontes de segurança do Curdistão iraquiano disseram que as investigações iniciais sugeriram que o drone veio de áreas sob o controle de milícias apoiadas pelo Irão. **Fonte-Reuters.**

## Jordânia, Iraque e Egito dizem que ataques israelenses na Síria colocam em risco a estabilidade regional

Jordânia, Iraque e Egito condenaram os ataques israelenses que tiveram como alvo a Síria nesta semana, afirmando que essas acções são uma violação flagrante da soberania e do direito internacional. O Ministério das Relações Exteriores e Expatriados da Jordânia condenou os ataques aéreos de Israel, dizendo que eles representam uma escalada perigosa que põe em risco a estabilidade e a segurança da Síria.

O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Sufyan Qudah, pediu a suspensão imediata dos ataques israelenses, enfatizando a necessidade de defender a soberania da Síria e dizendo que a segurança da Síria é vital para a estabilidade regional.

O Ministério das Relações Exteriores do Iraque disse que "condena veementemente as repetidas intervenções militares realizadas pelas autoridades de ocupação israelenses, que representam uma violação flagrante da soberania da Síria e uma ameaça à estabilidade da região". O Egito também condenou os ataques israelenses na Síria e no Líbano, afirmando que tais violações aumentarão as tensões e contribuirão para a instabilidade na região. **Fonte-Arab News.**

## Autoridade Palestina alerta plano israelense de transferir controle sobre a Mesquita Ibrahimi de Hebron para o conselho de assentamento

O Ministério das Relações Exteriores e Expatriados da Autoridade Palestina alertou sobre as consequências da imposição do controle dos colonos israelenses sobre a Mesquita Ibrahimi na cidade de Hebron, ao sul da Cisjordânia ocupada.

O ministério disse que a decisão de Israel de transferir a gestão da mesquita, conhecida pelos judeus como a Caverna dos Patriarcas, para um conselho de assentamento é "um movimento sem precedentes para impor controle sobre ela, judaizá-la, alterar sua identidade e uma violação flagrante do direito internacional e das resoluções da ONU". A imprensa israelense informou na passada quarta-feira que a Administração Civil Israelense, que opera sob o Ministério da Defesa e governa a Cisjordânia, transferiu a gestão e supervisão da Mesquita Ibrahimi do município de Hebron para o conselho



religioso do assentamento Kiryat Arba. O ministério pediu à UNESCO, que designou a Mesquita Ibrahimi como Patrimônio Mundial em 2017, que intervenha urgentemente e interrompa a implementação desse plano. A Mesquita Ibrahimi fica na Cidade Velha de Hebron, onde cerca de 400 colonos são protegidos por cerca de 1.500 soldados israelenses e cercados por vários postos de controle militares. Desde 1994, Israel dividiu espacialmente a Mesquita Ibrahimi em 63% para judeus e 37% para muçulmanos, após um massacre por um colono extremista que matou 29 fiéis palestinos no local. **Fonte-Reuters.**

## Especialista da ONU para a palestina diz que sanções dos EUA são uma "violação" da imunidade



**Francesca Albanese, Relatora Especial das Nações Unidas sobre a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos, fala durante a conferência de emergência do Grupo de Haia no Palácio de San Carlos, em Bogotá, em 15 de julho de 2025.**

A especialista inabalável da ONU em assuntos palestinos, Francesca Albanese, disse na passada terça-feira que as sanções de Washington após suas críticas à posição da Casa Branca em relação a Gaza são uma "violação" de sua imunidade. A relatora especial das Nações Unidas sobre os territórios palestinos ocupados fez os comentários durante uma visita a Bogotá, quase uma semana depois que o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, anunciou as sanções, chamando seu trabalho de "tendencioso e malicioso". "É uma medida muito séria. É sem precedentes. E eu levo isso muito a sério", disse Albanese a uma plateia na capital colombiana.

Albanese estava em Bogotá para participar de uma cúpula internacional iniciada pelo presidente esquerdista Gustavo Petro para encontrar soluções para o conflito de Gaza. A jurista italiana e especialista em direitos humanos enfrentou duras críticas por suas acusações de longa data de que Israel está cometendo "genocídio" em Gaza. "É uma clara violação da Convenção das Nações Unidas sobre Privilégios e Imunidades que protege os funcionários da ONU, incluindo especialistas independentes, de palavras e ações tomadas no exercício de suas funções", disse Albanese.

Rubio, anunciou em 9 de julho, que Washington estava sancionando Albanese "por seus esforços ilegítimos e vergonhosos para provocar uma ação (do TPI) contra funcionários, empresas e executivos dos EUA e de Israel". As sanções são "um aviso para qualquer um que se atreva a defender o direito internacional e os direitos humanos, a justiça e a liberdade", disse Albanese. Relatores especiais da ONU, como Albanese, são especialistas independentes nomeados pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU, mas não falam em nome das Nações Unidas. **Fonte-Reuters.**

## Diplomacia transaccional versus ordem internacional



DR. ZAFIRIS TZANNATOS

16 de julho de 2025



Além dos efeitos da instabilidade regional, a maioria dos países árabes enfrenta estagnação econômica.

Os conflitos transfronteiriços levam não apenas a mortes, ferimentos e outras vítimas, mas também podem ter impactos econômicos duradouros, provocando agitação doméstica. A chave para evitar ambos os resultados é que tipo de diplomacia os países buscam e em que prazo.

A diplomacia transaccional prioriza a obtenção de "acordos" em vez da adesão a abordagens "baseadas em regras" baseadas em princípios internacionais e valores humanitários. O termo ganhou destaque durante o primeiro mandato presidencial de Donald Trump e continuou em seu mandato actual. Esta forma de diplomacia está a ganhar terreno, incluindo no seio da UE, contribuindo para o aumento do populismo, da xenofobia e do nacionalismo a nível interno e aumentando a perspectiva de conflitos regionais e globais.

A diplomacia transaccional pode ser míope. Isso pode ser visto comparando o impacto caótico no comércio global das "tarifas recíprocas" anunciadas por Trump em abril com o progresso gradual, mas consistente, feito pela Organização Mundial do Comércio desde sua criação em 1995, que avançou a globalização por meio de negociações multilaterais.

As consequências da ordem internacional cada vez mais fluida são especialmente evidentes na região do Médio Oriente e Norte de África. Além dos efeitos da instabilidade regional, a maioria dos países árabes enfrenta estagnação econômica e aumento da pobreza. De acordo com um relatório publicado pelo Banco Mundial no mês passado, a taxa de pobreza no MENA - Médio Oriente e Norte de África - mais do que dobrou para cerca de 9,4% este ano, em comparação com apenas 4% em 2010. Somente no ano passado, mais 11 milhões de pessoas caíram abaixo da linha da pobreza.



O aumento da pobreza no MENA não pode ser explicado por crises globais, como o colapso financeiro de 2008, a pandemia de COVID-19 e a guerra de 2022 na Ucrânia. Essas crises também afetaram o resto do mundo, mas a actual taxa de pobreza global de 9,9% é menos da metade dos 21% registrados em 2010. E as flutuações tipicamente perturbadoras dos preços da energia tendem a ter um impacto neutro na região MENA como um todo, que compreende países exportadores e importadores de energia.

Um culpado óbvio na região é o conflito prolongado e a fragilidade. Nesse contexto, as nações árabes podem se perguntar que tipo de diplomacia pode deter e reverter sua queda econômica e humanitária. Eles devem adoptar uma abordagem transaccional ou baseada em princípios, ou algum equilíbrio entre os dois?

A pergunta é oportuna, após os ataques aéreos de Israel ao Irão no mês passado. Os ataques, considerados "preventivos" por Israel, são baseados em declarações de 30 anos (também repetidas na ONU mais recentemente) do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, então deputado, de que o Irão poderia cumprir suas ambições nucleares em "questão de meses, ou mesmo semanas" sem uma intervenção externa.

No entanto, apesar de décadas de advertências de que o Irão está à beira do desenvolvimento de armas nucleares, nenhuma evidência confiável apoia essa afirmação. Em março, a chefe de inteligência dos EUA, Tulsi Gabbard, testemunhou perante o Senado que o Irão não estava buscando activamente uma bomba nuclear. A Agência Internacional de Energia Atômica apoiou essa avaliação em maio, não relatando nenhuma indicação de um programa de armas não declarado, uma visão posteriormente repetida pelo director-geral Rafael Grossi.

No entanto, os ataques de Israel foram endossados pelo chanceler alemão Friedrich Merz, que afirmou que Israel está fazendo "o trabalho sujo para todos nós" no Irão. Sua avaliação estava alinhada com a dos representantes dos países do G7 que se reuniram no Canadá quando os ataques começaram. Logo depois, os EUA realizaram ataques adicionais a instalações nucleares no Irão, embora um cessar-fogo tenha sido alcançado dois dias depois, com a esperança de que ele se mantenha permanentemente.

As guerras por procuração podem servir aos interesses de nações poderosas, mas as pessoas pegadas em seu fogo cruzado pagam o preço final. A Guerra Irão-Iraque de 1980 a 1988 é um exemplo disso. A guerra devastou os dois países. Então o Iraque caiu em desgraça e, em 2003, uma coalizão liderada pelos EUA, ruidosamente apoiada pelo Reino Unido, invadiu-o, citando a presença de armas nucleares, biológicas e químicas inexistentes.

As guerras exercem consequências além das partes em conflito e dos alvos militares, muitas vezes impactando os países vizinhos, mesmo que não estejam envolvidos. Os efeitos econômicos da guerra em Gaza ilustram isso claramente. Embora o Egito (em 1979) e a Jordânia (em 1994) tenham assinado tratados de paz com Israel, suas economias foram afetadas negativamente por menores receitas do turismo, maior insegurança energética, aumento dos custos de transporte e crescimento econômico mais lento. Após os recentes ataques no Irão, tanto o Egito quanto a Jordânia, entre outros, experimentaram imediatamente um aumento nos cancelamentos de turismo, com aumentos nos déficits fiscais, dívida pública e desemprego provavelmente representando riscos significativos para sua estabilidade macroeconômica e condições

sociais se a incerteza continuar e o conflito for retomado. Esses riscos econômicos não se limitam ao MENA. Um conflito prolongado pode abalar os mercados globais, aumentando os custos de transporte, os preços da energia, a inflação e as taxas de juros e perturbando os sistemas financeiros. A volatilidade das acções, a fuga dos investidores e as pressões cambiais podem seguir, minando a estabilidade económica global.

No entanto, alguns líderes ocidentais ainda veem a guerra como um estímulo económico. O primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, disse recentemente ao Parlamento que o aumento dos gastos com defesa "restauraria o crescimento", citando os compromissos da OTAN com a guerra na Ucrânia. Embora as indústrias de defesa possam se beneficiar desse pensamento transaccional, o custo das guerras em vidas humanas, meios de subsistência e crescimento económico de longo prazo supera seus ganhos de curto prazo.

A diplomacia de Israel, exemplificada pela normalização das relações por meio dos Acordos de Abraão com os Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Marrocos e Sudão em 2020, pode ser caracterizada como de natureza transaccional. No entanto, uma lição pode ser aprendida com o alinhamento dessa diplomacia com os objectivos de longo prazo de Israel para consolidar o controle e, eventualmente, anexar os Territórios Ocupados.

Os estados árabes podem adoptar uma abordagem semelhante, não abandonando princípios, mas alinhando estrategicamente acordos de curto prazo com o objectivo de longo prazo de paz e prosperidade em seus países. Uma abordagem transaccional aliada à cooperação económica pode diminuir as tensões, desde que respeite os princípios. Por exemplo, o Reino da Arábia Saudita se absteve de aderir aos Acordos de Abraão, sustentando que a normalização com Israel deve depender de um caminho confiável e irreversível para o estabelecimento de um Estado palestino soberano ao longo das fronteiras pré-1967, com Jerusalém Oriental como sua capital, em linha com a solução de dois Estados.

Em conclusão, os países árabes estão mais uma vez em uma encruzilhada. Além da perda de vidas, novos conflitos correm o risco de aprofundar seus problemas económicos. Em seu programa de estabilização em andamento em um país do Médio Oriente, o Fundo Monetário Internacional sinalizou "protestos domésticos generalizados e violência" impulsionados pela pobreza e desemprego como um factor de "alto risco" que poderia comprometer o sucesso do programa.

Os Estados árabes devem se unir e desenvolver uma estratégia diferenciada que combine acordos pragmáticos com uma visão de princípios para a paz e a prosperidade sustentável. As apostas não são apenas regionais. O mundo também pode pagar o preço da inação e do erro de cálculo.

**O Dr. Zafiriz Tzannatos** é um economista baseado na Jordânia que actuou como professor e coordenador de economia na Universidade Americana de Beirute, em cargos seniores em organizações internacionais e como consultor local para governos no Médio Oriente e no GCC.

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.